



## **A Colocação Pronominal no Português Brasileiro de Nova Iguaçu: o que os dados empíricos revelam da comparação entre fala e escrita?**

### ***Pronominal Placement in the Brazilian Portuguese of Nova Iguaçu: What Does the Empirical Data Reveal From the Comparison Between Speech and Writing?***

Ana Luísa Theza Martins

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil

luisa.tmtm@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3868-9360>

Juliana Barbosa de Segadas Vianna

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Nova Iguaçu, Rio de Janeiro / Brasil

julianasegadas@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-0146-8719>

**Resumo:** Nesta pesquisa, investiga-se o fenômeno variável da posição dos clíticos pronominais, em lexias simples, a partir de amostras de fala e escrita coletadas na cidade de Nova Iguaçu (RJ). Adotando o referencial teórico da Sociolinguística Variacionista, pretende-se determinar os fatores sociais e linguísticos que condicionam o uso da próclise em detrimento do uso da ênclise nas modalidades oral e escrita da língua, além de reconhecer quais são os elementos proclisadores tradicionais e não tradicionais mais frequentes junto ao uso da próclise. De acordo com a análise de dados, foi possível trazer as seguintes afirmações: (a) a próclise mostrou-se mais produtiva que a ênclise, principalmente em língua oral; (b) o grupo de fator *tipo de elemento proclisador* foi o grupo que mais influenciou a colocação pronominal nas duas modalidades da língua (oral e escrita); (c) o grupo de fator *escolaridade do falante*, apesar de não ter sido controlado em língua escrita, também mostrou-se relevante para a colocação pronominal; e (d) alguns outros fatores linguísticos mostraram-se relevantes, no entanto, de forma divergente nos dados de fala e escrita, mostrando que suas influências dependem do contexto linguístico em questão.

**Palavras-chave:** colocação pronominal; clíticos; variação linguística; Nova Iguaçu.

**Abstract:** This research investigates the variable phenomenon of pronoun clitic position in simple lexemes, based on speech and writing samples collected in Nova Iguaçu (RJ). Adopting the theoretical framework of Variationist Sociolinguistics, we intend to determine the social and linguistic factors that trigger the use of proclisis over the use of ênclisis in oral and written forms of language, as well as to recognize which are the most frequent traditional and non-traditional proclisive elements together with the use of proclisis. According to the data analysis, it was possible to bring out the following statements: (a) proclisis proved to be more productive than ênclise, especially in oral language; (b) the proclising element type factor group was the group that most influenced pronominal collocation in both language modalities (oral and written); (c) the speaker's schooling factor group, although it did not control in written language, was also shown to be relevant for pronominal placement; and (d) some other linguistic factors were shown to be relevant, however, divergently in the spoken and written data, showing that their influences depend on the linguistic context in question.

**Keywords:** pronominal collocation; clitic; linguistic variation; Nova Iguaçu.

Recebido em 01 de setembro de 2021

Aceito em 12 de novembro de 2021

## 1 Introdução

No que tange ao tema da colocação pronominal, a escolha dos falantes pela posição dos clíticos apresenta grandes divergências quando observamos o fenômeno linguístico no português europeu (PE) e no português brasileiro (PB). O português europeu possui tendência maior ao uso dos pronomes átonos em posição enclítica (pós-verbal); enquanto o português brasileiro possui clara tendência ao uso dos pronomes átonos em próclise (antes do verbo), principalmente na língua oral, em que o uso próclítico se mostra, na maioria dos casos, semicategórico (LABOV, 2003).

Na literatura sobre colocação pronominal, há trabalhos de referência, como o de Vieira (2002), intitulado *Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em português*; e o de Biazolli (2016), intitulado *Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma*. Veja-se as principais conclusões a que chegam as autoras.

Vieira (2002, p. 67-68) investigou, em sua pesquisa, duas questões principais: “o que constitui, efetivamente a norma objetiva da ordem dos clíticos em PB, PE e PM, nas modalidades oral e escrita” e “quais parâmetros de base acústica que efetivamente atuam no condicionamento da ordem dos clíticos em português”. De forma mais geral, a autora objetivou, através de análise sociolinguística, “determinar os condicionamentos mais especificamente morfossintáticos – e no plano prosódico – que possibilitará aquilatar a influência que elementos de natureza rítmica e entonacional imprimem à variação na ordem dos clíticos” (VIEIRA, 2002, p. 68).

Para tal fim, Vieira (2002) utilizou *corpus* constituído por registros de língua oral e escrita, com lexias verbais simples e complexas. Seu *corpus* de língua oral foi composto por 63 entrevistas em português europeu, realizadas na década de 70; por 38 entrevistas em português moçambicano, realizadas na década de 90; e por 45 entrevistas em português brasileiro, realizadas na década de 70. Seu *corpus* de língua escrita foi composto por textos extraídos de revistas e/ou jornais de grande circulação no Brasil, em Portugal e em Moçambique; mais especificamente, foram utilizados 90 textos, 15 editoriais e 15 crônicas para cada variedade do português investigada.

Em sua análise, de modo geral, a autora encontrou os seguintes resultados para os dados de lexias verbais simples<sup>1</sup>: (a) O Português Europeu apresentou condicionamento sistemático quanto à ordem dos clíticos, restringido a elementos de natureza estrutural, tanto em língua oral quanto em língua escrita. Apesar de os resultados apresentarem equilíbrio no uso das duas variantes (próclise e ênclise), a análise mostrou que o equilíbrio ocorre devido à alta produtividade de próclise em contextos de presença de elemento subordinativo, atrator tradicional do uso proclítico; sendo assim, extinguindo-se tais contextos, a ênclise mostrou-se a variante mais comum no PE. O grupo de fatores mais relevante, nessa modalidade da língua, foi o grupo *presença de operador de próclise na oração*. (b) No Português Moçambicano, a produtividade de ênclise mostrou-se expressiva, acontecendo, inclusive, em contextos nos quais se espera o uso de próclise (em presença de atratores). Sendo assim, a pesquisa concluiu que o PM tende a utilizar a ênclise de forma generalizada. (c) No Português Brasileiro, diferentemente do PE e do PM, os resultados apresentaram particularidades na seleção dos grupos de fatores relevantes para análise em língua oral e em língua escrita;

---

<sup>1</sup> Optou-se por não comentar sobre os resultados de lexias verbais complexas, visto que elas não serão analisadas neste trabalho.

indicando, segundo a autora, que a norma aprendida na escola é muito diferente da norma naturalmente adquirida e utilizada com maior frequência na fala. Na modalidade oral, os dados indicam que, de modo geral, a próclise é a ordem não-marcada; sendo condicionada pelos grupos de fatores *tipo de clítico* e *faixa etária*. Na modalidade escrita, o grupo de fatores mais relevante para o condicionamento do fenômeno foi o grupo *presença de operador de próclise na oração*; que, segundo a pesquisadora, foi, nesse caso, influenciado pela adoção de um modelo “importado” para a escrita da imprensa brasileira.

O estudo de Biazolli (2016) teve, como principais objetivos, analisar os fatores internos possivelmente responsáveis pela alternância das variantes (próclise e ênclise); verificar se as características situacionais dos gêneros jornalísticos (*entrevistas na TV, noticiários de TV, carta do leitor e editorial*) observados influenciam nas formas de realização da colocação pronominal; e, por fim, fazer considerações sobre as normas linguísticas do PE e do PB, a fim de analisar as normas prescritivas vigentes e o uso real dos pronomes clíticos. Segundo a autora, em hipótese, esperava-se que as diferenças no falar e no escrever fossem discretas no português europeu e consideravelmente distintas no português brasileiro.

Para realizar seu estudo, Biazolli (2016) utilizou um *corpus* constituído por registros de língua oral (*entrevistas da TV e noticiários de TV*) e língua escrita (*carta do leitor e editorial*), com lexias verbais simples e complexas. O *corpus* brasileiro de língua oral foi composto por transcrições de, aproximadamente, quatro horas e meia do *Programa do Jô* (relativo às entrevistas), e por transcrição do mesmo total aproximado de horas do telejornal *Jornal Nacional* (relativo aos noticiários). O *corpus* oral do PE foi composto por transcrição de, aproximadamente, quatro horas do programa de entrevistas *Herman* e seis horas do noticiário televisivo *Jornal da Noite*. Os registros de língua escrita (*carta do leitor e editoriais*) foram retirados dos seguintes jornais: *Público*, produzido em Lisboa e de grande circulação em Portugal, e *O Estado de S. Paulo*, produzido em São Paulo e de grande circulação no Brasil.

Em seus resultados para lexias verbais simples<sup>2</sup>, Biazolli (2016) encontrou respostas parecidas com as de Vieira (2002). Os dados de PE mostraram condicionamento relacionado a aspectos de natureza estrutural. O uso enclítico foi a opção preferida pelos falantes em todos os gêneros discursivos analisados, exceto em casos de presença de atrator de próclise. O grupo de fatores *tipo de elemento proclisador* foi considerado o mais relevante para o fenômeno, em todas as amostras de

---

<sup>2</sup> Assim como na menção ao trabalho de Vieira (2002), optou-se por não comentar sobre os resultados das lexias verbais complexas, visto que elas não foram analisadas na presente pesquisa.

PE analisadas. Por sua vez, os dados de PB apresentaram comportamento diferenciado na seleção dos grupos de fatores apontados como relevantes, a depender do gênero discursivo sob análise. De modo geral, observou-se predominância do uso de próclise, principalmente nas entrevistas e noticiários de TV (amostras de língua oral), com exceção dos casos de início absoluto de frase presentes nas cartas de leitores e nos editoriais (amostras de língua escrita).

Sendo assim, com base nos estudos mencionados de Biazolli (2016) e de Vieira (2002), e utilizando os pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística quantitativa de base laboviana (WLH, 1968; LABOV, 1972, 1994, 2001, 2003), o objetivo desse trabalho é analisar o fenômeno variável da colocação dos clíticos pronominais, em lexias simples, a partir de amostras de fala e escrita coletadas no município de Nova Iguaçu (RJ). A partir dessa análise, pretende-se determinar quais fatores sociais e linguísticos condicionam a escolha do uso proclítico em detrimento do uso enclítico nas modalidades oral e escrita da língua, além de reconhecer quais são os atratores formais e informais mais frequentes no uso da próclise.

## 2 Pressupostos teóricos e metodológicos

Partindo dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança linguísticas (LABOV, 1972; 1994; 2001; 2003; WEINREICH; HERZOG; LABOV, 1968), a pesquisa se assenta na premissa da heterogeneidade ordenada, que pressupõe a ação de condicionamentos linguísticos e sociais sobre o fenômeno variável, ora impulsionando uma ou outra forma alternante.

Assim, os dados linguísticos foram codificados de acordo com fatores linguísticos testados em investigações anteriores que analisaram o fenômeno, em especial os trabalhos de Biazolli (2010; 2016). Entre as restrições linguísticas controladas, é possível separar em 3 grupos:

- (1) Variáveis relacionadas ao clítico: (a) tipo do clítico (*me, nos, te, vos, o(s)/a(s), lhe(s), se*); (b) função sintático-semântica (*argumental, não argumental, inerência, reflexividade, apassivação, indeterminação*);
- (2) Variáveis relacionadas ao elemento proclisador: (c) tipo de elemento (*SN sujeito, SPrep, partícula/sintagma de negação, advérbio canônico, advérbio não canônico, hesitações/truncamentos, preposição, conjunção coordenativa, elemento subordinativo*); (d) distanciamento entre elemento proclisador e o grupo cl-V ou V-cl (*adjacente, não adjacente*)

- (3) Variável relacionada ao verbo: (e) forma verbal do hospedeiro (*tempos do indicativo, futuros do indicativo, tempos do subjuntivo, imperativo, infinitivo, gerúndio*)

Com relação às restrições sociais, foram controladas as variáveis que estratificavam a amostra de fala, proveniente do Projeto “Nova Iguaçu sob o viés da Sociolinguística”<sup>3</sup> (VIANNA, 2019), a saber: sexo/gênero (*feminino e masculino*); faixa etária (*18 a 35 anos, 36 a 55 anos, e 56 a 75 anos*) e escolaridade (*ensino fundamental e ensino superior*). Dessa forma, utilizaram-se 12 entrevistas sociolinguísticas do tipo documentador-informante, como ilustrado no quadro 1.

Quadro 1 - Entrevistas utilizadas de acordo com a estratificação da amostra de fala

Escolaridade Faixa etária	Ensino Fundamental	Ensino Superior
18-35 anos	♀ ♂	♀ ♂
36-55 anos	♀ ♂	♀ ♂
56-75 anos	♀ ♂	♀ ♂

Fonte: elaboração própria

O quadro 2 apresenta as informações detalhadas de cada entrevista utilizada (além das informações de estratificação): sigla identificadora, código, ano de realização e duração da gravação.

<sup>3</sup> O Projeto “Nova Iguaçu sob o viés da Sociolinguística” foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – CEP/UFRRJ, sendo aprovado em 2016 (Processo nº 23083.003982/2016-90). Como exigência da CEP/UFRRJ, incluiu-se, entre os instrumentos de controle do banco de dados, o Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), que acompanha o material coletado de cada informante. O TCLE pode ser definido como um documento no qual são apresentados os interesses gerais do projeto de pesquisa: “organizar um banco de entrevistas gravadas com pessoas nativas de Nova Iguaçu, de 18 a 75 anos, a partir do qual poderão ser feitas pesquisas em diversas áreas”. Nele, também se incluem informações sobre os direitos dos informantes, no que se refere à proteção de sua privacidade e de dados pessoais pelo grupo de pesquisa; riscos mínimos a que se fica exposto durante a coleta da entrevista; bem como a possibilidade de desistir da participação em qualquer momento que desejar.

Quadro 2 - Detalhamento das entrevistas utilizadas

Identificador	Sigla/ Nome	Sexo	Grupo etário	Escolaridade	Códigos	Ano	Duração
Inf.1	M.C.	Feminino	Jovem	Fundamental	M1A	2015	36'34''
Inf.2	W.O.	Masculino	Jovem	Fundamental	H1A	2017	36'55''
Inf.3	K.C.	Feminino	Jovem	Superior	M3A	2015	53'00''
Inf.4	J.F.	Masculino	Jovem	Superior	H3A	2015	59'23''
Inf.5	J.S.	Feminino	Adulto	Fundamental	M1B	2015	41'41''
Inf.6	J.A.	Masculino	Adulto	Fundamental	H1B	2015	40'13''
Inf.7	E.M.	Feminino	Adulto	Superior	M3B	2017	36'43''
Inf.8	R.F.	Masculino	Adulto	Superior	H3B	2016	37'11''
Inf.9	A.C.	Feminino	Idoso	Fundamental	M1C	2015	39'54''
Inf.10	M.L.	Masculino	Idoso	Fundamental	H1C	2016	37'11''
Inf.11	M.L.T.	Feminino	Idoso	Superior	M3C	2015	43'53''
Inf.12	H.L.I.	Masculino	Idoso	Superior	H3C	2017	36'38''

Fonte: elaboração própria

Por sua vez, a amostra de língua escrita é composta por 10 artigos de opinião retirados do “Jornal de Hoje”<sup>4</sup>, jornal de grande circulação na Baixada Fluminense. No caso dessa amostra representativa da escrita, não foi possível controlar as variáveis sociais, à semelhança do que foi feito para a fala. Por falta de informações detalhadas na amostra, sabe-se apenas que todos os artigos foram escritos por homens altamente escolarizados. O quadro 3 apresenta as informações detalhadas de cada artigo de opinião, incluindo título, autor, ano de publicação e fonte (link de localização).

<sup>4</sup> Apesar de esses artigos não serem escritos por moradores nativos de Nova Iguaçu, a escolha por eles deveu-se ao fato de que este (*Jornal de Hoje*) é um jornal de influência na região da Baixada e, conseqüentemente, na cidade de Nova Iguaçu. É sabido que os indivíduos são influenciados pelo contexto social em que vivem e, com a língua, isso não seria diferente. Sendo assim, a linguagem presente nesse jornal influenciaria o conhecimento linguístico dos falantes, além de representar a norma escrita que circula em Nova Iguaçu.

Quadro 3 - Detalhamento dos artigos de opinião utilizados

Título	Autor	Data de Publicação	Fonte
Supremo: sempre que apertado pelas forças corruptas, espana.	Luiz Flávio Gomes	24/10/2017	<a href="http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=63873">http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=63873</a>
Congresso de piratas.	Jorge Pontes	01/11/2017	<a href="http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=64719">http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=64719</a>
O mendigo disse: “Não tenha vergonha de olhar para mim”.	Juan José Millás	31/10/2017	<a href="http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=64578">http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=64578</a>
Para dar maior conteúdo à vida.	Carlos B. González Pecotche	30/10/2017	<a href="http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=64436">http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=64436</a>
PSDB adolescente aos trinta anos.	Pedro Luiz Rodrigues	31/10/2017	<a href="http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=64581">http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=64581</a>
DILIGÊNCIA: qualidade altamente valiosa.	Carlos B. González Pecotche	25/10/2017	<a href="http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=64006">http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=64006</a>
O labirinto de nossos erros.	Cristovam Buarque	24/10/2017	<a href="http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=63870">http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=63870</a>
A educação no fundo do poço!	Nelson Valente	20/10/2017	<a href="http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=63577">http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=63577</a>
O Tráfico de animais.	Vinicius Cordeiro e Bruna Franco	26/10/2017	<a href="http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=64143">http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=64143</a>
Vida, alegria e mundo próprio.	Carlos B. González Pecotche	19/10/2017	<a href="http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=63423">http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=63423</a>

Fonte: elaboração própria

Os dados linguísticos foram submetidos ao programa computacional *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) para controle dos percentuais e cálculo do peso relativo.

### 3 Descrição dos resultados

Nesta seção, serão apresentados os resultados da análise quantitativa nas amostras de fala e escrita representativas de Nova Iguaçu. Vale ressaltar que as variantes consideradas em competição foram a próclise e a ênclise, visto que não houve a ocorrência de mesóclise nas amostras analisadas. Assim, obtiveram-se os seguintes resultados para a fala (tabela 1) e para a escrita (tabela 2):



Tabela 1 - Colocação pronominal na Fala

Fatores	Aplicação/Total	%
Próclise	272/285	95
Ênclise	13/285	4

Fonte: elaboração própria

Tabela 2 - Colocação pronominal na Escrita

Fatores	Aplicação/Total	%
Próclise	70/97	73
Ênclise	27/97	27

Fonte: elaboração própria

A frequência geral indicou, nos dois casos, uma maior inclinação dos indivíduos para o uso da próclise. A porcentagem maior apareceu no caso da língua oral, que teve 95% de ocorrência de próclise em detrimento da ênclise, o que caracterizaria uma regra semicategórica (95-99%), nos termos de Labov (2003). Por outro lado, a variação mostrou-se mais relevante no caso da língua escrita, com 72% de uso proclítico e 27% de ênclise. Todavia, ainda que a produtividade da próclise seja mais contida na escrita, tal resultado vai de encontro ao que defendem as gramáticas normativas, para as quais o uso enclítico seria não-marcado e, portanto, mais produtivo (BECHARA, 2015; CUNHA; CINTRA, 2008).

Em ordem de importância decrescente, obtivemos os seguintes resultados no que se refere à atuação dos grupos de fatores linguísticos e sociais, controlados nas amostras de fala (quadro 4) e de escrita (quadro 5), sobre o fenômeno da colocação pronominal.

Quadro 4 - Grupos de Fatores selecionados para a Fala

1º	Tipo de elemento proclisador
2º	Escolaridade
3º	Tipo de clítico
4º	Distância entre o grupo (proclisador) antecedente e o grupo verbal
5º	Função do clítico

Fonte: elaboração própria

Quadro 5 - Grupos de Fatores selecionados para a Escrita

1º	Tipo de elemento proclisador
2º	Forma verbal do hospedeiro

Fonte: elaboração própria

Como observado nos quadros 4 e 5, o grupo de fatores *tipo de elemento proclisador* mostrou-se como o mais relevante tanto nas entrevistas orais quanto nos artigos de opinião. Em sentido oposto, o grupo de fatores referente à *forma verbal do hospedeiro* mostrou-se relevante apenas nos dados de escrita, sendo indiferente para a língua oral; ao passo que restrições relativas à *escolaridade do informante*, ao *tipo de clítico* e sua *função sintática* e à *distância entre grupo antecedente e grupo verbal* foram significativos apenas para a língua oral, não sendo selecionados na escrita. Em síntese, observamos que a maioria dos grupos de fatores foi significativa na análise de língua oral, diferentemente da análise de língua escrita, que apresentou somente dois grupos significativos.

A seguir, serão apresentados separadamente os resultados relativos à análise das entrevistas orais<sup>5</sup> (dados de fala) e, posteriormente, os resultados que foram encontrados nos artigos de opinião (dados de escrita). Cabe destacar, ainda, que o fator de aplicação é a *próclise*, e a leitura das tabelas deve assumir essa perspectiva.

### 3.1 Dados de fala

#### 3.1.1 Escolaridade do falante

O grupo de fatores relativo à escolaridade do falante foi a única variável extralinguística apontada pelo programa *Goldvarb X* como sendo significativa para o fenômeno.

Os exemplos que seguem ilustram as ocorrências de próclise e ênclise encontradas na amostra de fala, para os dois níveis controlados de escolaridade: ensino fundamental e ensino superior. A tabela 3, na sequência, apresenta a produtividade da próclise e o peso relativo.

<sup>5</sup> Primeiramente serão apresentados os resultados dos grupos de fatores sociais e, na sequência, os grupos de fatores linguísticos.

1. Ensino Fundamental
  - a) Ênclise: “... não culpá-**lo** pelo que tá acontecendo...” (H1B, dado 17)
  - b) Próclise: “aí agora você **me** pegou...” (H1A, dado 07)
  
2. Ensino Superior
  - a) Ênclise: “a escola tornou-**se** uma extensão do lar...” (H3C, dado 123)
  - b) Próclise: “eu não sei **te** informar com exatidão...” (H3A, dado 64)

Tabela 3 – Frequências e pesos relativos registrados para a variável escolaridade

Fatores	Aplicação/total	%	PR
Ensino Fundamental	122/123	99	0,77
Ensino Superior	150/162	92	0,27

Fonte: elaboração própria. Fator de aplicação: próclise

De acordo com a tabela 3, é possível verificar que a próclise é a estratégia de colocação mais produtiva nos dois níveis de escolarização controlados: 99% entre informantes com Ensino Fundamental e 92% entre informantes com Ensino Superior. Todavia, a observação do peso relativo indica que o favorecimento da próclise acontece de fato entre os indivíduos com menor escolaridade (PR0,77), entre os indivíduos com maior escolarização há o desfavorecimento (PR0,27). Esse resultado parece revelar que é por meio do ensino formal que a ênclise ainda se mantém no português brasileiro. Quanto mais escolarizado o falante, maior a tendência de que este retenha, mesmo na fala, algumas regras de colocação que ratifiquem a ênclise.

Por outro lado, entre falantes de menor escolarização, parece ocorrer uma tendência de generalização da próclise. Em 123 ocorrências de pronome clítico produzidas por indivíduos com ensino fundamental, o uso da próclise ocorreu quase que em sua totalidade, apresentando apenas uma ocorrência de uso enclítico: “...não culpá-**lo** pelo que tá acontecendo...” (H1B, dado 17). Esse uso, curiosamente, é equivocado de acordo com as regras da gramática normativa, pois, a presença de partícula de negação licenciaria a próclise. Dessa forma, fica claro se tratar de um caso de hipercorreção, em que o falante tenta se adequar às regras do padrão culto que, em geral, prescreve a ênclise.

No caso dos informantes com nível superior de escolaridade, houve uma ocorrência maior de uso da ênclise na fala, com 12 casos (8% do total). Em um contexto no qual o uso de próclise é quase

categorico, esse número de casos indica que indivíduos com nível superior utilizam bem mais a ênclise que indivíduos menos escolarizados.

### 3.1.2 Tipo de elemento proclisador

Segundo as gramáticas normativas, a posição oficial dos pronomes átonos é naturalmente enclítica, ou seja, após o verbo (BECHARA, 2015; CUNHA; CINTRA, 2008). No entanto, alguns elementos linguísticos são considerados atratores desses pronomes, posicionando-os à frente do verbo, em posição proclítica. Nesta pesquisa, consideramos nove tipos de elementos proclisadores: (1) sintagma nominal de sujeito; (2) sintagma preposicionado; (3) sintagma de negação; (4) advérbio canônico; (5) advérbio não canônico; (6) hesitações/truncamentos; (7) preposição; (8) conjunção coordenativa; (9) elemento subordinativo, além das ocorrências em contexto de ausência de elemento. Os exemplos abaixo ilustram as ocorrências de próclise e ênclise localizadas na amostra de entrevistas e, para os casos em que não houve ocorrências, foram utilizados exemplos criados.

#### 1. SN de Sujeito

- a) Ênclise: “...a escola tornou-se uma extensão do lar...” (H3C, dado 123)
- b) Próclise: “lazer é pros nossos filhos se locomover, brincar...” (H1C, dado 57)

#### 2. Sintagma Preposicionado

- a) Ênclise: “Em princípio, contra as suas lágrimas revoltei-me”.\*\*<sup>6</sup>
- b) Próclise: “Perante o momento de aflição, se sentiu impotente.”.\*\*

#### 3. Sintagma de Negação

- a) Ênclise: “não culpá-lo pelo que tá acontecendo...” (H1B, dado 17)
- b) Próclise: “não se encontra 100% disponível...” (H1B, dado 13)

<sup>6</sup> Para alguns fatores controlados do grupo *tipo de elemento proclisador* não se verificou variação próclise/ênclise em nossa amostra de fala, possivelmente porque foram usadas só 12 entrevistas. Em função disso, optamos por utilizar exemplos fictícios para exemplificar tais ocorrências. Todos os exemplos fictícios estão identificados usando-se o símbolo de dois asteriscos (\*\*).

#### 4. Advérbio Canônico

- a) Ênclise: “Ontem entreguei-**lhe** o convite da festa”.\*\*
- b) Próclise: “parece que o amor hoje se tornou cafona...” (H1B, dado 18)

#### 5. Advérbio não canônico

- a) Ênclise: “Infelizmente, percebe-**se** que a vida é injusta”.\*\*
- b) Próclise: “...pessoas que poderão realmente nos representar?” (M3C, dado 280)<sup>7</sup>

#### 6. Hesitações/truncamentos

- a) Ênclise: “Antigamente os casamentos duravam mais... eh... valorizava-se mais a família...”.\*\*
- b) Próclise: “mas sim... eh... se habituar mediante ali aquela situação” (H1B, dado 12)

#### 7. Preposição

- a) Ênclise: “É preciso curtir a vida, para desfrutá-**la** completamente”.\*\*
- b) Próclise: “eu tava lá na frente e ele não tava lá pra me ver...” (M1B, dado 211)

#### 8. Conjunção coordenativa

- a) Ênclise: “então... como profissional... né... faz-**se** necessário...” (H3A, dado 90)
- b) Próclise: “...mas quem se ferra mais é quem tá no salário mínimo...” (H1B, dado 25)

#### 9. Elemento subordinativo

- a) Ênclise: “Esse trabalho é o que tinha-se planejado para a prova”.\*\*
- b) Próclise: “tenho que me pronunciar melhor...” (M3A, dado 247)

---

<sup>7</sup> Única ocorrência no *corpus*.

## 10. Ausência de elemento proclisador<sup>8</sup>

- a) Ênclise: “...como a gente acompanha isso tudo? É estudando... é capacitando-se” (H3A, dado 66)  
 b) Próclise: “(...) o certo mesmo é a pessoa ir em uma pensão se alimentar direito...” (H1A, dado 08)

Veja-se, na tabela 4, a produtividade do uso de próclise e ênclise em relação a cada tipo de elemento proclisador.

Tabela 4 – Colocação pronominal em relação ao tipo de elemento proclisador

Elemento proclisador	Próclise	Ênclise
SN Sujeito	97/98 98%	1/98 1%
Sintagma Preposicionado* <sup>9</sup>	-	-
Sintagma de Negação	30/31 96%	1/31 3%
Advérbio Canônico	28/28 100%	-
Advérbio não Canônico	1/1 100%	-
Hesitações/Truncamentos	4/4 100%	-
Preposição	29/29 100%	-
Conjunção Coordenativa	5/8 62%	3/8 37%
Elemento Subordinativo	54/54 100%	-
Ausência de elemento		

Fonte: elaboração própria

<sup>8</sup> Biazolli (2016), em suas análises, considerou como ausência de elemento proclisador apenas os casos de início absoluto de frase, já que não limitou a distância possível do elemento proclisador para o verbo hospedeiro do clítico. Na presente investigação, optou-se por considerar uma distância máxima entre elemento proclisador e verbo hospedeiro de até 6 sílabas; sendo assim, outros contextos de ausência de elemento proclisador foram considerados, além dos inícios de período.

<sup>9</sup> Considerando que a pesquisa testou os mesmos grupos de fatores controlados em Biazolli (2016), optou-se por identificar todos eles nas tabelas de produtividade, ainda que não se tenha localizado ocorrência de clítico na amostra de fala de Nova Iguaçu (restrita a 12 entrevistas). O objetivo era apresentar os resultados de forma mais didática aos leitores. Sendo assim, serão identificados com um asterisco (\*) todos os fatores que se encaixam nessa justificativa.

De modo geral, foi possível verificar uma predileção pelo uso da próclise em relação a todos os tipos de atratores, inclusive em contextos de ausência destes.

O uso da próclise foi categórico nos casos de advérbio canônico, advérbio não canônico, hesitações/truncamentos, preposição e elemento subordinativo. As ocorrências de advérbios não canônicos e de hesitações/truncamentos foram poucas no *corpus*, mostrando uma baixa relevância desses fatores para a análise. No entanto, o uso da próclise na presença de advérbio canônico, preposição e elemento subordinativo mostrou-se bastante produtivo considerando o total de 272 clíticos localizados na amostra: 28/272, 29/272 e 54/272, respectivamente. Tal resultado confirma o que pregam as gramáticas normativas sobre advérbios, preposições e elementos subordinativos serem considerados atratores de próclise.

Considerando que não houve variação com alguns tipos de proclisadores controlados (advérbio canônico, advérbio não canônico, hesitações/truncamentos, preposição e elemento subordinativo), para análise de pesos relativos foi necessário excluí-los das rodadas. A tabela 5 apresenta os resultados da análise de pesos relativos apenas com os fatores em que se verificou variação nas estratégias de colocação pronominal:

Tabela 5 – Frequências e pesos relativos dos elementos proclisadores que apresentaram variação próclise/ênclise

Fatores	Aplicação/total	%	PR
Ausência de elemento proclisador	24/32	75%	0,01
Sintagma de negação	30/31	96%	0,54
SN sujeito	97/98	98%	0,80
Conjunção coordenativa	5/8	62%	0,08

Fonte: elaboração própria. Fator de aplicação: próclise

Os dados mostram que o sintagma nominal com função sujeito (i) e o sintagma de negação (ii) impulsionam a próclise, com pesos relativos de 0,80 e 0,54 – respectivamente. Mesmo sendo considerado um atrator de próclise pelas gramáticas normativas, o peso relativo no caso dos sintagmas de negação não foi tão alto (0,54), o que indica que esse fator tende a ser neutro. O SN sujeito, no entanto, apesar de não ser considerado um atrator legítimo gramaticalmente (apenas em casos de pronome pessoal sujeito), apresentou peso relativo elevado,

indicando altíssima tendência para a próclise e, portanto, caracterizando-o como um autêntico elemento proclisador no PB.

(i) “... lazer é pros nossos filhos se locomover...” (H1C, dado 57)

(ii) “... eu dou uma liberdade para os meus filhos que minha mãe não me dava...” (M3B, dado 266)

De forma mais detalhada, o elemento sintagma de negação apresentou 96% de ocorrência, tendo apenas um caso enclítico (iii), que, em contexto de análise gramatical, configuraria erro gramatical. Todavia, essa ocorrência pode ser justificada pela hipótese acerca da influência da escolaridade do falante, visto que tal frase foi proferida por um indivíduo de baixa escolaridade (Ensino Fundamental) e que, portanto, deve possuir pouco conhecimento das regras formais da língua padrão. Além disso, como afirma Drummond (2019), nos casos em que o verbo vem acompanhado do clítico acusativo de terceira pessoa “o”, os indivíduos tendem à ênclise através do emprego dos alomorfes “lo(s)/la(s)”, ainda que haja a presença de elemento proclisador.

(iii) “...não culpá-**lo** pelo que tá acontecendo...” (H1B, dado 17)

Assim como no caso anterior, o elemento proclisador SN sujeito apresentou alta taxa de ocorrência proclítica, com 98% de frequência, confirmando a hipótese sobre sua posição como atrator. Houve apenas um caso de ênclise, como se pode observar no exemplo (iv). Esse único caso pode ser explicado pela hipótese da influência da escolaridade e da faixa etária do falante, já que o informante que produziu a frase em questão é um homem de faixa etária elevada (55+) e alta escolaridade (Ensino Superior), fatores sociais que indicam falantes mais rígidos com relação às regras gramaticais, havendo preferência por formas linguísticas menos estigmatizadas.

(iv) “...a escola tornou-**se** uma extensão do lar...” (H3C, dado 123)

Por outro lado, apesar da ausência de elemento proclisador e/ou a presença de conjunção coordenativa registrarem frequência nada desprezível para o uso da próclise, 75% e 62%; esses fatores apresentaram peso relativo baixo – 0,01 e 0,08, respectivamente – indicando que impulsinonam a ênclise. Esse resultado é explicado pelo fato de que a ocorrência de próclise no PB é extremamente alta, portanto, apenas frequências altíssimas, como acima de 95%, associam-se a um peso relativo alto.



Vale ressaltar ainda que algumas das ocorrências de próclise na ausência de elemento proclisador ocorreram em situações de início absoluto de frase (v), contexto no qual, segundo a gramática normativa, deveria ocorrer apenas ênclise.

- (v) “(...) é a Baixada inteira que vai pro Hospital da Posse... **me** pergunta quantos hospitais tem na Baixada Fluminense?” (M3A, dado 229)

Sendo assim, ainda que tenha apresentado uma ocorrência de 75% de próclise, podemos afirmar que o contexto de ausência de elemento proclisador favorece a ênclise. Ademais, as conjunções coordenativas apresentaram peso relativo baixo (0,08), indicando tendência ao uso de ênclise. Fato que corrobora com o que dizem as gramáticas normativas, já que as conjunções coordenativas não são consideradas proclisadoras pelos gramáticos. Essa resposta, no entanto, pode ter ocorrido devido aos poucos dados encontrados desse elemento no *corpus*, apenas 8.

Fazendo um pequeno comparativo com a pesquisa de Biazolli (2016), encontramos os seguintes resultados que a autora obteve ao analisar o gênero entrevistas de TV<sup>10</sup>: os fatores elemento subordinativo, sintagma de negação, SN sujeito, conjunção coordenativa, advérbio não canônico e sintagma preposicionado foram categóricos para o uso de próclise, o que indicou seus posicionamentos como atratores. Em nossa análise, apesar de os elementos sintagma de negação e SN sujeito não terem sido categóricos no uso proclítico, eles apresentaram apenas uma ocorrência de ênclise, confirmando, também, suas tendências ao uso pré-verbal. O fator conjunção coordenativa, no entanto, contrariou os resultados de Biazolli (2016), já que, em nosso estudo, apresentou variação, indicando tendência ao uso de ênclise. Todavia, vale ressaltar que, nos dois trabalhos, o fator conjunção coordenativa apresentou baixa ocorrência, 6 em Biazolli (2016) e 8 em nosso *corpus*, o que pode dificultar uma análise realmente relevante. Ademais, os outros fatores (elemento subordinativo e advérbio não canônico) também foram categóricos no uso proclítico em nossos resultados, com exceção do fator sintagma preposicionado, que não apresentou ocorrência nessa pesquisa.

Ainda que não tenham sido submetidos à análise pelo programa estatístico, os fatores ausência de elemento proclisador, advérbio canônico e preposição apresentaram variação em Biazolli (2016). Entre eles, em

<sup>10</sup> A comparação de nossos resultados (entrevistas orais do tipo documentador-informante) foi feita com os resultados de Biazolli (2016) referentes ao gênero entrevistas de TV, devido ao fato de ser o gênero que mais se aproxima de nosso *corpus* de língua oral.

nosso estudo, somente o fator ausência de elemento proclisador apresentou variação, indicando tendência ao uso enclítico (peso relativo 0,01).

### 3.1.3 Tipo de clítico

Em síntese, com base na observação dos tipos de clíticos, pode-se dizer que o clítico *se* apresentou a maior incidência em nosso *corpus*, com 139 aparições, e os clíticos *o(s)/a(s)* apresentaram a mais baixa incidência, com apenas 6 aparições. Nos casos de uso dos clíticos *me/nos/te/vos*, contados em conjunto, foram encontradas 140 ocorrências, sendo o uso da próclise categórico. O clítico *lhe* não foi localizado na amostra, o que pode ser justificado por sua pouca utilização na língua oral. Veja-se exemplos das ocorrências aferidas na amostra:

#### 1. Clíticos: *me/nos/te/vos*

- a) Ênclise: “Trazem-**nos** problemas com frequência”.\*\*
- b) Próclise: “ela sempre **nos** corrigia...” (H3A, dado 91)

#### 2. Clíticos: *o(s)/a(s)*

- a) Ênclise: “... não culpá-**lo** pelo que tá acontecendo...” (H1B, dado 17)
- b) Próclise: “...provavelmente os seus filhos não **os** amará ou vice e versa.” (H3A, dado 74)

#### 3. Clíticos: *lhe(s)*

- a) Ênclise: “Disse-**lhe** que chegaria mais cedo hoje.”.\*\*
- b) Próclise: “(...) ele deveria doar aquilo que não **lhe** faz falta.”.\*\*

#### 4. Clíticos: *se*

- a) Ênclise: “... a todo momento muda-**se** as coisas...” (H3A, dado 65)
- b) Próclise: “...a gente **se** falava no telefone todos os dias...” (M1A, dado 188)

A tabela 6 ilustra a produtividade de cada um dos tipos de clíticos controlados na amostra:

Tabela 6 – Colocação pronominal em relação aos tipos de clíticos

Tipo de clítico	Próclise	Ênclise
me/nos/te/vos	140/140 100%	-
o(s)/a(s)	4/6 66%	2/6 33%
o(s)/a(s)	-	-
se	128/139 92%	128/139 92%

Fonte: elaboração própria

Conforme mencionado anteriormente, na tabela 6, chama a atenção o fato de não haver nenhuma ocorrência do clítico *lhe* e de as ocorrências de *me/nos/te/vos* serem todas proclíticas<sup>11</sup>. Corroborando com nossos números, nos resultados para entrevistas de TV de Biazolli (2016), os pronomes *me/nos/te* obtiveram 99% de frequência de próclise, com 100% de episódios proclíticos nos casos do *me*. Tal circunstância, nos dois estudos, indica a forte predileção para o uso de próclise junto a esses pronomes, especialmente junto ao clítico *me*, que admite no PB, inclusive, a possibilidade de iniciar períodos absolutos (CUNHA; CYNTRA, 2008).

Sendo assim, como se pode observar, os clíticos *se* e *o(s)/a(s)* são os únicos que apresentaram variação na amostra de fala de Nova Iguaçu, e, portanto, os únicos considerados na análise de pesos relativos efetuada pelo programa computacional *Goldvarb X*.

Tabela 7 - Frequências e pesos relativos dos tipos de clíticos que apresentaram variação próclise/ênclise:

Fatores	Aplicação/total	%	PR
Se	128/139	92	0,54
o(s), a(s)	4/6	66	0,01

Fonte: elaboração própria. Fator de aplicação: próclise.

Pode-se perceber, através da tabela, que o pronome *se* apresentou alta frequência e peso relativo indicando suave favorecimento,

<sup>11</sup> Não foi encontrada nenhuma ocorrência do pronome clítico nos na amostra de fala de Nova Iguaçu.

com valores de 92% e 0,54, respectivamente, o que indica maior tendência de seu uso em posição proclítica.

Os pronomes *o(s)/a(s)* apresentaram peso relativo baixíssimo, 0,01, indicando alta tendência ao uso enclítico. Nos únicos dois casos em que os pronomes acusativos apresentaram posição de próclise, estavam acompanhados dos atratores: partícula de negação (vi) e pronome pessoal (vii), respectivamente. Tal fato confirma a preferência por esses pronomes em posição enclítica e restringe seus usos em posição proclítica apenas quando acompanhados de elemento proclisador.

(vi) “...provavelmente os seus filhos não os amará...” (H3A, dado 74)

(vii) “...eu a coloquei em seu devido lugar...” (H3A, dado 98)

### 3.1.4 Distância entre o grupo proclisador antecedente e o grupo verbal

Com base nos estudos de Biazolli (2016), foi considerada para análise a distância entre o elemento proclisador e o grupo verbo+clítico/clítico+verbo. Em sua caracterização, a autora usa a terminologia “termos adjacentes” e “termos não adjacentes” para diferenciar as variáveis controladas no grupo. Sendo assim, convém explicar: termos adjacentes são aqueles que não apresentaram distância entre os grupos e termos não adjacentes são aqueles que apresentaram alguma distância entre os grupos. Os exemplos a seguir ilustram as ocorrências localizadas na amostra de fala:

1. Adjacente: 0 sílabas.

a) Ênclise: “todo momento muda-se as coisas...” (H3A, dado 65)

b) Próclise: “se eu não me engano é perto da minha casa...” (H3B, dado 101)

2. Não adjacente: 1 a 3 sílabas, 3 a 6 sílabas.<sup>12</sup>

a) Ênclise: “então... como profissional... né... faz-se necessário que eu tenha um linguajar apropriado...” (H3A, dado 90)

b) Próclise: “o dinheiro era mais difícil de se ganhar...” (H3C, 138)

<sup>12</sup> Em Biazolli (2016), não foram colocados limites na quantidade de sílabas entre elemento proclisador e verbo hospedeiro, considerando-se até 11 sílabas ou mais. Em nossa pesquisa, no entanto, houve um limite de até 6 sílabas entre proclisador e verbo, por se acreditar que a influência do proclisador na colocação pronominal aconteceria de forma mais direta.

Tabela 8 – Frequências e pesos relativos para a distância entre elemento proclisador e grupo cl-V ou V-cl

Fatores	Aplicação/total	%	PR
Adjacente	240/250	96%	0,58
Não adjacente	32/35	91%	0,57

Fonte: elaboração própria. Fator de aplicação: próclise.

Apesar de a quantidade de casos de clíticos não adjacentes ter sido bem menor que a quantidade de casos adjacentes, 35 e 250 ocorrências, respectivamente, o programa computacional mostrou um resultado quase igual para os dois fatores. Suas frequências apontaram tendência ao uso proclítico, porém, sem muitas ressalvas, já que seus pesos relativos foram de 0,58 para clíticos adjacentes e 0,57 para clíticos não adjacentes, o que indica que há certo equilíbrio nesses usos. Ao analisar a quantidade de ocorrências de próclise e ênclise, no entanto, podemos perceber que o uso proclítico é mais frequente, independente da distância entre o proclisador e o verbo.

Em sua tese, ao analisar as entrevistas de TV, Biazolli (2016) faz um comentário relevante para nossa análise sobre esse grupo de fatores: “(...) na variedade brasileira, a próclise é dominante, independentemente se o elemento antecedente está ou não adjacente ao hospedeiro verbal ou, ainda, independentemente de qual for a natureza desse proclisador –mtradicional ou não tradicional.” (BIAZOLLI, 2016, p. 188)

### 3.1.5 Função do clítico

No grupo de fatores que controla a função sintática do clítico, foram analisadas cinco possibilidades: clítico argumental, clítico não argumental, inerência/reflexividade, apassivação e indeterminação<sup>13</sup>. Todas elas apresentaram ocorrência no *corpus*, no entanto, a função não argumental apresentou somente casos de uso proclítico. Esse foi o último grupo de fatores considerado relevante pelo programa estatístico. Os exemplos a seguir ilustram as ocorrências localizadas na amostra:

<sup>13</sup> Os fatores inerência/reflexividade, apassivação e indeterminação só ocorreram na amostra de fala com o clítico “se”.

1. Clítico Argumental: é quando o clítico tem função de argumento verbal, podendo ser objeto direto, objeto indireto
  - a) Ênclise: “...não culpá-**lo** pelo que tá acontecendo...” (H1B, dado 17)
  - b) Próclise: “meu primo **me** chamou pra comer...” (M1A, dado 170)
  
2. Clítico não Argumental: é quando o clítico que não apresenta função sintática de argumento verbal.
  - a) Ênclise: “Desde que **lhes** cortaram o salário ele tem problemas com as contas.”\*\*
  - b) Próclise: “mas eu **me** relaciono bem...” (H3C, dado 162)
  
3. Inerência/reflexividade: a função sintática de inerência diz respeito aos verbos cujo pronome clítico é parte integrante da forma verbal, como no verbo “suicidar-se”. Por sua vez, a função sintática de reflexividade ocorre quando “a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente).” (BECHARA, 2015, p. 183.)
  - a) Ênclise: “... é uma unidade onde todos dedicam-**se** (vivamente)...” (H3A, dado 71)
  - b) Próclise: “...ela **se** enrolou todinha no hospital...” (M1C, dado 224)
  
4. Apassivação: ocorre em casos nos quais não há ação do verbo exercida pelo sujeito, que aparece apenas como paciente, ou seja, em posição de passividade. (BECHARA, 2015.)
  - a) Ênclise: “acrescentaram-**se** mais né...” (M3B, dado 255)
  - b) Próclise: “a escola tornou-**se** uma extensão do lar...” (H3C, dado 123)
  
5. Indeterminação: ocorre junto à 3ª pessoa do singular e interpreta-se como uma construção impessoal (BECHARA, 2015; CUNHA; CINTRA, 2008).
  - a) Ênclise: “...engana-**se** que é na verdade de democracia...” (H3C, dado 150)
  - b) Próclise: “então é o que **se** adapta a ele...” (H1B, dado 42)

Tabela 9 – Colocação pronominal em relação às funções dos clíticos:

Função do clítico	Próclise	Ênclise
Argumental	98/101 97%	3/101 2%
Não argumental	92/92 100%	-
Inerência/reflexividade	56/60 93%	4/60 6%
Apassivação	8/12 66%	4/12 33%
Indeterminação	8/12 66%	2/20 9%

Fonte: elaboração própria.

Ao analisar a tabela de produtividade, nota-se que o fator clítico não argumental apresentou ocorrência considerável, com 92 dados totais em posição proclítica, o que indica uso categórico da próclise em casos desse tipo de função. Os outros fatores apresentaram variação e, portanto, foram submetidos ao programa estatístico de regras variáveis. Na sequência, segue-se a análise da produtividade das ocorrências e pesos relativos:

Tabela 10 – Frequências e pesos relativos das funções dos clíticos que apresentaram variação próclise/ênclise:

Fatores	Aplicação/total	%	PR
Inerência/reflexividade	56/60	93%	0,47
Clítico argumental	98/101	97%	0,58
Apassivação	8/12	66%	0,03
Indeterminação	18/20	90%	0,60

Fonte: elaboração própria. Fator de aplicação: próclise.

A tabela 10 indica alta frequência dos fatores inerência/reflexividade, clítico argumental e indeterminação, com 93%, 97% e 90% de ocorrência, respectivamente, em todo o *corpus*. Todavia, apenas os pesos relativos dos dois primeiros fatores citados mostraram número relevante – acima de 0,50 – indicando tendência ao uso proclítico.

Ademais, apesar de não ter tido uma alta frequência, a função apassivação apresentou peso relativo baixíssimo, de 0,03, indicando sua total tendência ao uso de ênclise.

## 3.2 Dados de escrita

### 3.2.1 Tipo de elemento proclisador

Assim como para a análise dos dados de fala, foram investigados 9 tipos de elementos proclisadores baseados nos estudos de Biazoli (2016): SN de sujeito, sintagma preposicionado, sintagma de negação, advérbio canônico, advérbio não canônico, preposição, conjunção coordenativa, elemento subordinativo e ausência de elemento proclisador.

Veja-se, na tabela 11, a ilustração da produtividade dos dados encontrados no *corpus* de língua escrita em relação ao tipo de elemento proclisador:

Tabela 11 – Colocação pronominal em relação ao tipo de elemento proclisador:

Elemento proclisador	Próclise	Ênclise
SN sujeito	14/15 93%	1/15 6%
Sintagma preposicionado*	-	-
Sintagma de Negação	4/4 100%	-
Advérbio canônico	7/7 100%	-
Advérbio não canônico	1/1 100%	-
Preposição	-	6/6 100%
Conjunção coordenativa	6/8 75%	2/8 25%
Elemento subordinativo	37/38 97%	1/38 2%
Ausência de elemento	3/22 13%	19/22 86%

Fonte: elaboração própria.

A partir de análise da tabela de produtividade, pode-se constatar que o fator sintagma preposicionado<sup>14</sup>, assim como nos dados de fala,

<sup>14</sup> O fator sintagma preposicionado foi o único que não apresentou ocorrências nas duas modalidades analisadas (fala e escrita).



não apresentou nenhuma ocorrência no *corpus* de língua escrita. Além disso, o fator advérbio não canônico apresentou apenas um caso (i), em posição proclítica; ocorrência única que nos impossibilita de fazer análise relevante. Os fatores sintagma de negação (ii) e advérbio canônico (iii) foram categóricos no uso da próclise, o que parece confirmar suas aptidões como elementos proclisadores. Ademais, vale ressaltar que o fator preposição (iv), no entanto, curiosamente, foi categórico no uso enclítico, o que difere dos resultados encontrados na análise das entrevistas orais, que apresentaram uso categórico de próclise em casos de preposição.

- (i) “Muitas vezes se tem visto as pessoas sentirem felicidade...” (H3C, dado 29)
- (ii) “(...) não se prive dessa alegria...” (H3C, dado 99)
- (iii) “(...) os que hoje se apresentam como liderança do PSDB...” (H3C, dado 47)
- (iv) “(...) sempre na tentativa de refreá-los...” (H3C, dado 12)

Sendo assim, apenas quatro tipos de elementos proclisadores puderam ser submetidos à análise de pesos relativos efetuada pelo programa computacional de regras variáveis, Goldvarb X. É importante destacar que, dos quatro fatores que apresentaram variação nos dados, três deles registraram o mesmo comportamento na língua oral (SN sujeito, conjunção coordenativa e ausência de elemento proclisador) e um foi diferente (elemento subordinativo).

Tabela 12 – Frequências e pesos relativos dos elementos proclisado

Fatores	Aplicação/ total	%	PR
SN sujeito	14/15	93%	0,56
Elemento subordinativo	37/38	97%	0,85
Ausência de elemento proclisador	3/22	13%	0,04
Conjunção coordenativa	6/8	75%	0,46

Fonte: elaboração própria. Fator de aplicação: próclise.

A análise estatística indicou alta frequência dos elementos proclisadores SN sujeito (v) e elemento subordinativo (vi), com 93% e 97% de ocorrências proclíticas. Os dois fatores apresentaram tendência ao

uso da próclise, com peso relativo de 0,56 e 0,85, sendo mais significativo nos casos de presença de elemento subordinativo, confirmando suas posições como partículas altamente atrativas de próclise. Os resultados para elementos subordinativos já eram esperados, visto que as gramáticas normativas consideram sua posição como atrator de próclise e que textos escritos, principalmente textos formais, como é o caso dos artigos que compõem nosso *corpus*, tentam seguir à risca as normas de uso indicadas pelas gramáticas. Os resultados para SN sujeito também indicaram sua posição como elemento atrator de próclise, apesar de não ser reconhecido desta forma pelas gramáticas tradicionais. Esse resultado também foi encontrado na análise dos dados de fala, de forma ainda mais expressiva (peso relativo de 0,80), confirmando seu uso como elemento proclisador, independente da modalidade de uso da língua (fala ou escrita) e independente da escolaridade analisada, visto que no *corpus* de língua escrita só tivemos informantes altamente escolarizados.

(v) “(...) o ex-presidente do STF (Lewandowski) se ajoelhou diante das forças corruptas.” (H3C, dado 05)

(vi) “Toda vez que se aborda um plano do governo (...)” (H3C, dado 76)

Ademais, vale ressaltar que o fator elemento subordinativo apresentou apenas uma ocorrência de uso enclítico (vii) e, apesar de apresentar peso relativo consideravelmente menor que este, o fator SN sujeito também apresentou somente uma ocorrência de ênclise (viii).

(vii) “... o que consubstanciou-se num inequívoco sintoma...” (H3C, dado 15)

(viii) “A Operação Lava-Jato tornou-se...” (H3C, dado 14)

Ainda assim, o primeiro exemplo, mencionado acima, configuraria erro gramatical de acordo com o postulado pela gramática prescritiva, já que o verbo vem acompanhado do elemento subordinativo *que*, considerado atrator de próclise. Essa ocorrência pode ser considerada um caso de hipercorreção por parte do falante, que, considerando o uso enclítico como forma usual defendida pela gramática, utiliza a ênclise mesmo em situação de presença de elemento proclisador. Também vale mencionar que a ocorrência do segundo exemplo mostra um resultado curioso, já que, segundo a prescrição gramatical de viés normativista, a

colocação pronominal ao lado de SN sujeito é enclítica, portanto, o uso exposto no trecho (viii) seria o “uso correto”, no entanto, ele é a única ocorrência de ênclise com SN sujeito em toda a amostra do *corpus* analisado, indicando que os indivíduos realmente enxergam o SN sujeito como elemento proclisador.

Além disso, assim como nos resultados de língua oral, percebe-se notória tendência ao uso enclítico nos casos de ausência de elemento proclisador (ix) - com peso relativo de 0,04 - sugerindo que, ainda que a próclise seja a preferência dos falantes brasileiros, a presença ou não de elementos proclisadores é um grande impulsionador no momento de escolherem qual colocação será utilizada. Nesse contexto, vale comentar também que grande parte dos casos de ausência de elemento proclisador aparecem em início absoluto de frase (x), situação na qual o uso enclítico é “obrigatório” considerando a regra da gramática normativa. Por fim, os resultados para o fator conjunção coordenativa (xi) não se mostraram tão relevantes, já que obtivemos apenas 8 ocorrências para este elemento em todo o *corpus*. Ainda assim, vale comentar que o programa, apesar de maior frequência proclítica, apresentou peso relativo de 0,46, o que indica certo favorecimento ao uso enclítico.

(ix) “Depois do impeachment, no lugar de recuperar a credibilidade na política, perdida por milhões nas ruas, embrenhamo-**nos** no labirinto...” (H3C, dado 68)

(x) “Tem-**se** experimentado que a tristeza, o desgosto e até a indiferença deprimem...” (H3C, dado 91)

(xi) “(...) pois se comprovará com satisfação que...” (H3C, dado 57)

Ao fazer uma pequena comparação desses dados com os resultados de Biazolli (2016) para análise do gênero editorial<sup>15</sup>, nota-se que a pesquisadora obteve resultados semelhantes aos nossos para os grupos de fatores elemento subordinativo e conjunção coordenativa. O primeiro apresentou peso relativo de 0,89, indicando alta tendência ao uso de próclise, e o segundo apresentou peso relativo de 0,39, indicando tendência ao uso de ênclise; assim como em nossos resultados que apresentaram pesos relativos de 0,85 e 0,46. Além disso, vale comentar

<sup>15</sup> Optou-se por utilizar os resultados de Biazolli (2016) relativos ao gênero editorial, já que, de todos os gêneros analisados pela pesquisadora, é o que mais se aproxima de nossa amostra de escrita, constituída de artigos de opinião.

que, em Biazolli (2016), o fator SN sujeito apresentou peso relativo de 0,10, indicando favorecimento de ênclise, mesmo apresentando 83% de ocorrência de próclise. Em nossos dados, tal fator também apresentou alta frequência próclítica (93%), porém peso relativo maior (0,56), indicando, contrariamente à pesquisadora, o desfavorecimento da ênclise. Por fim, o fator preposição, diferentemente de nossa análise, apresentou variação, com peso relativo de 0,60, indicando sua posição como atrator não tradicional.

### 3.2.2 Forma verbal do hospedeiro

De acordo com Biazolli (2016), seis tempos verbais foram selecionados como fatores linguísticos relevantes para essa análise, foram eles: tempos do indicativo, futuros do indicativo, tempos do subjuntivo, imperativo, infinitivo e gerúndio.

Segue, na tabela 13, a produtividade da colocação pronominal em relação à forma verbal do hospedeiro:

Tabela 13 – Colocação pronominal em relação à forma verbal do hospedeiro

Forma verbal do hospedeiro	Próclise	Ênclise
Tempos do Indicativo	59/67 88%	8/67 11%
Futuros do Indicativo*	-	-
Tempos do Subjuntivo	8/8 100%	-
Imperativo	1/3 33%	2/3 66%
Infinitivo	4/21 19%	17/21 80%
Gerúndio	-	2/2 100%

Fonte: elaboração própria.

A análise da forma verbal do hospedeiro em dados de escrita apresentou expressiva produtividade dos verbos indicativos (xii), com 67 ocorrências de 101 verbos analisados em toda a amostra. Esse fato já era esperado, devido ao caráter dos textos escritos: artigos de opinião que seguem, na maioria das vezes, um modelo linguístico estruturado. Os verbos no subjuntivo (xiii) e imperativo (xiv) foram poucos expressivos, com 8 e 3 ocorrências, respectivamente. O infinitivo (xv) apresentou 21 verbos, sendo, ainda que em menor medida, o segundo tempo verbal mais expressivo.

- (xii) “Os que hoje se apresentam como a liderança do PSDB...” (H3C, dado 47)
- (xiii) “(...) aprovar leis que os protejam...” (H3C, dado 16)
- (xiv) “**Traga-me** um sobre o mundo antigo...” (H3C, dado 20)
- (xv) “(...) também tenho que me desfazer do meu...” (H3C, dado 21)

Vale destacar que os verbos no subjuntivo foram categóricos no uso da próclise, já que todas as ocorrências de verbo hospedeiro no subjuntivo, encontradas em nosso *corpus*, estavam no tempo presente e, portanto, vieram acompanhadas do elemento subordinativo *que*, como nos exemplos (xvi) e (xvii).

- (xvi) “(...) toda coisa nova que se possua...” (H3C, dado 30)
- (xvii) “(...) algo que lhe embeleze a vida...” (H3C, dado 31)

No entanto, entre as formas verbais analisadas, nem todas apresentaram variação linguística. Os tempos do futuro do indicativo não apresentaram nenhuma ocorrência no *corpus* e os tempos no gerúndio apresentaram apenas, em posição enclítica, duas ocorrências (xviii) e (xix).

- (xviii) “(...) **mantendo-o** na presidência do Senado...” (H3C, dado 07)
- (xix) “(...) não se prive dessa alegria **afugentando-a...**” (H3C, dado 100)

Sendo assim, somente três tempos foram submetidos à análise de pesos relativos pelo programa computacional Goldvarb X:

Tabela 14 – Frequências e pesos relativos das formas verbais do hospedeiro que apresentaram variação próclise/ênclise

Fatores	Aplicação/total	%	PR
Tempos do indicativo	59/67	88%	0,66
Imperativo	1/3	33%	0,41
Infinitivo	4/21	16%	0,10

Fonte: elaboração própria. Fator de aplicação: próclise.

De forma mais específica, como mostra a tabela 14, os verbos no indicativo<sup>16</sup> apresentaram alta tendência ao uso proclítico, com 88% de ocorrência e peso relativo de 0,66. Sendo assim, nos casos de verbo hospedeiro no indicativo, obtivemos apenas 8 ocorrências de ênclise, como se pode ver nos exemplos a seguir. Entre elas, três iniciaram período, situação na qual o uso proclítico é expressamente não indicado pelas gramáticas prescritivas (xx), (xxi) e (xxii); um apresentou elemento subordinativo, atrator do uso de próclise (xxiii); duas apresentaram sintagma nominal de sujeito (xxiv) e (xxv) e duas seguiram a regra tradicional de uso da ênclise em casos de ausência de elemento proclisador (xxvi) e (xxvii).

(xx) “**Verifica-se** que tudo é de uma lentidão irritante.” (H3C, dado 75)

(xxi) “**Deve-se** possuir, então, aquilo que ofereça felicidade...” (H3C, dado 28)

(xxii) “**Tem-se** experimentado que a tristeza, o desgosto e até a indiferença deprimem...” (H3C, dado 91)

(xxiii) “...o que **consubstanciou-se** num inequívoco sintoma de profundo comprometimento do parlamento...” (H3C, dado 15)

(xxiv) “... possuir uma coisa **constituiu-se** em todas as épocas um prazer...” (H3C, dado 22)

(xxv) “A Operação Lava Jato **tornou-se...**” (H3C, dado 14)

(xxvi) “Ou seja, são estudantes que concluíram o ensino médio, **sabe-se** lá Deus como...” (H3C, dado 68)

(xxvii) “(...) **refiro-me** à alegria que surge da consciência ao se experimentar que se existe.” (H3C, dado 90)

Além disso, mesmo apresentando baixa ocorrência no *corpus* (2 casos enclíticos e 1 caso proclítico), o tempo imperativo foi selecionado pelo programa como segundo mais relevante na análise estatística, apresentando peso relativo de 0,41, o que indica tendência ao uso de ênclise. Essa tendência pode ser explicada devido ao fato de que os verbos no imperativo costumam aparecer em início absoluto de frase (xxviii) ou com ausência de elemento proclisador (xxix), salvo os casos de imperativo negativo que vêm acompanhados de sintagma de negação (xxx).

<sup>16</sup> Não inclui os futuros do indicativo.

(xxviii) “**Traga-me** um sobre o mundo antigo, para comparar, disse o homem.” (H3C, dado 20)

(xxix) “... quando a Corte Suprema se desempodera vira puxadinho dos demais poderes, **leia-se**, das forças corruptas e parasitárias que mandam no País.” (H3C, dado 04)

(xxx) “(...) **não se prive** dessa alegria” (H3C, dado 95)

Vale destacar, sobre o exemplo (xxix), apresentado acima, que o verbo *leia-se*, no contexto em que está inserido, pode ser considerado uma estrutura cristalizada, que não sofre variação. Tal estrutura é utilizada em situações nas quais o falante tem a intenção de apresentar um sentido sarcástico e “mais verdadeiro” acerca de algo que foi dito anteriormente, como pode ser observado nos exemplos fictícios apresentados abaixo:

(xxxi) “A falta de verbas públicas, **leia-se** o desvio de verbas públicas, é responsável pelo sucateamento do Sistema Único de Saúde Brasileiro (SUS).”

(xxxii) “É comum encontrarmos empresas que defendem a máxima ‘o cliente sempre tem razão’, na prática, no entanto, **leia-se** ‘o cliente branco e rico sempre tem razão’.”

Por fim, apesar de, segundo as gramáticas tradicionais, o infinitivo solto poder vir acompanhado de próclise ou ênclise, os verbos no infinitivo apresentaram uma inclinação consideravelmente grande para ênclise (xxxiii) e (xxxiv), com peso relativo de 0,10 e 17 episódios enclíticos. Esse fato confirma o que dizem Cunha e Cintra (2008, p. 325) sobre a tendência dos falantes brasileiros ao uso de ênclise junto ao infinitivo: “Com os infinitivos soltos, mesmo quando modificados por negação, é lícita a próclise ou a ênclise, embora haja acentuada tendência para esta última na colocação pronominal.”

(xxxiii) “(...) a diligência permite **avantajar-se** ao tempo...” (H3C, dado 58)

(xxxiv) “(...) mas sem **usá-la** para construir o futuro da nação.” (H3C, dado 66)

Em comparação com os resultados de Biazolli (2016), serão feitas algumas observações relevantes para a discussão do presente trabalho.

Os fatores de forma verbal do hospedeiro que apresentaram variação na análise da pesquisadora foram os seguintes: verbos no indicativo, verbos no gerúndio e verbos no infinitivo. Assim como em nosso trabalho, Biazolli (2016) obteve, para os tempos no indicativo, peso relativo que indica favorecimento de próclise (0,72) e, para os tempos no infinitivo, peso relativo que indica o favorecimento de ênclise (0,07). O fator verbos no gerúndio não apresentou variação em nossa análise, apresentando 2 casos de uso enclítico. No entanto, Biazolli apresentou peso relativo de 0,39, que indica desfavorecimento da próclise, corroborando com nosso resultado. Por último, o tempo verbal no imperativo apresentou apenas 1 ocorrência, ênclítica, em Biazolli (2016), e os tempos do subjuntivo, assim como em nosso *corpus*, foram categóricos para o uso de próclise.

#### 4 Considerações finais

De acordo com os resultados obtidos a partir da investigação das entrevistas orais e dos artigos de opinião, observou-se uma maior tendência dos falantes ao uso de próclise nas duas modalidades da língua. No caso dos resultados de língua oral, segundo os termos de Labov (2003), esse uso mostrou-se semicategórico, com 95% de ocorrências proclíticas. Por outro lado, nos casos de escrita, a variação mostrou-se mais relevante, com 72% de uso proclítico e 27% de uso enclítico.

O grupo de fatores selecionado como relevante pelo programa estatístico, em primeiro lugar, para as duas modalidades da língua, foi o *tipo de elemento proclisador*. Os resultados para tais fatores evidenciaram que o uso de próclise é recorrente tanto em casos de elementos proclisadores tradicionais (como elemento subordinado e partícula de negação), quanto em casos de elementos proclisadores não tradicionais (como em casos de SN sujeito), confirmando a alta influência dos atratores em relação à colocação pronominal, na fala e na escrita. Os casos de ênclise foram mais frequentes em contextos de ausência de elemento proclisador e em presença de conjunção coordenativa. Todavia, ainda assim, as ocorrências de próclise em episódios de ausência de elemento proclisador foram consideráveis, indicando que, mesmo desfavorecendo a próclise, esse ainda é um contexto no qual ela é utilizada com alguma frequência.

Cabe ressaltar, também, que o segundo grupo de fatores selecionado como relevante na análise dos dados de língua oral foi o grupo *escolaridade do falante*. Esse resultado indicou que a próclise é mais frequente na fala de indivíduos com baixa escolaridade e a ênclise é mais frequente na fala de indivíduos com escolaridade alta, confirmando a hipótese de que falantes com nível educacional mais avançado tendem



a tentar se adequarem às regras do padrão culto da língua. Apesar de esse grupo de fator não ter sido controlado na escrita, já que todos os autores dos artigos possuíam nível superior completo, o resultado de língua escrita indicou uma frequência de ênclise bem maior que os resultados de língua oral. Sendo assim, aparentemente, o fato de todos os informantes de língua escrita possuírem nível superior completo aparentemente também contribuiu na produtividade da ênclise nessa modalidade.

Portanto, sintetizando o que foi apresentado, podemos concluir que a presença ou não de elementos proclisadores é o fator linguístico que mais influencia a colocação pronominal no português brasileiro, tanto em contextos de língua oral como em contextos de língua escrita. Além disso, apesar de o fator *escolaridade* não ter sido controlado em nossos dados de modalidade escrita, também podemos afirmar que esse é um fator social relevante para a colocação pronominal, já que, de modo geral, os falantes com escolaridade mais alta tendem a utilizar mais a ênclise. Por fim, outros fatores linguísticos mostraram-se relevantes pelo programa estatístico, três em casos de língua oral (*tipo de clítico, distância entre grupo proclisador e verbo hospedeiro, função do clítico*) e um em casos de língua escrita (*forma verbal do hospedeiro*). O fato de serem divergentes nas duas modalidades demonstra que suas influências dependem do contexto linguístico analisado.

## **Agradecimentos**

Nossos profundos agradecimentos à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e ao Departamento de Letras do Instituto Multidisciplinar (IM) por terem fornecido a estrutura para o desenvolvimento desse trabalho, que teve início na Iniciação Científica, gerando como fruto a produção de uma monografia, defendida em 2020.

## **Declaração de contribuição**

As autoras declaram, para os devidos fins, que o texto foi concebido por ambas as partes, sendo a divisão das tarefas da seguinte forma: organização e escrita teórica desenvolvida pela primeira autora; coleta de dados de fala e de escrita realizada pela primeira autora; tratamento estatístico e cálculo de pesos relativos no Goldvarb X realizado pela segunda autora; análise dos dados: quadros, tabelas e organização dos resultados desenvolvidos por ambas as autoras; revisão geral do texto: segunda autora. Por ser verdade, firmamos a presente declaração.

## Referências

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 38ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BIAZOLLI, C. C. *Clíticos pronominais de São Paulo: 1880 a 1920: uma análise sócio-histórico-linguística*. 2010. 230 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2010.

BIAZOLLI, C. C. *Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma*. 2016. 381 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2016.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DRUMOND, D. L. *A colocação pronominal no português brasileiro: em busca das reais normas de uso para escrita*. 2019. 66f. Monografia (Licenciatura em Letras) – Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2019.

GUY, G. R.; ZILLES, A. M. *Sociolinguística quantitativa*. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Oxford, Philadelphia: Blackwell, University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Malden: Blackwell Publishing: 2003. p. 234-250.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

VIANNA, J. B. S. O português falado em Nova Iguaçu: proposta de constituição de uma amostra de língua oral. *LaborHistórico*, São Paulo, v. 5, n. Especial 1, p. 39-63, 2019.. DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial.25359>

VIEIRA, S. R. *Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em português*. 2002. 441 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

WEINREICH, V.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W. P. *et alii* (eds.). *Directions for Historical Linguistic*. Austin/Texas, 1968. p. 95-199.